

A VÉSPERA DA GUERRA

Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século XIX, que este mundo estava sendo rigorosa e atentamente observado por inteligências superiores à do homem, mas tão mortais quanto a dele; que os homens, enquanto se atarefavam com suas diversas preocupações, eram examinados e estudados, talvez quase tão minuciosamente quanto um homem pudesse examinar com um microscópio as criaturas transitórias que fervilham e se multiplicam numa gota d'água. Com infinita complacência os homens iam de um lado a outro por este globo, tratando de pequenos afazeres, serenos na segurança de seu império sobre a matéria. É possível que os infusórios sob o microscópio façam o mesmo. Ninguém pensava nos mundos mais antigos do espaço como fontes de perigo para o ser humano; quando alguém pensava nesses mundos, era apenas para descartar a ideia de vida neles como impossível ou improvável. É curioso recordar alguns dos hábitos daqueles tempos passados. Os homens terrestres imaginavam, no máximo, a eventual existência de outros homens em Marte, talvez inferiores a eles e dispostos a saudar um empreendimento missionário. Contudo, através do abismo sideral, mentes que, comparadas às nossas mentes, são como as nossas comparadas

às dos animais percíveis, intellectos vastos e frios e insensíveis, miravam este planeta com olhos invejosos e lenta e firmemente traçavam planos contra nós. E, no início do século XX, veio a grande desilusão.

O planeta Marte, quase não preciso lembrar ao leitor, gira em torno do Sol a uma distância média de 225 milhões de quilômetros, e a luz e o calor que recebe do Sol mal chega à metade da dose recebida por este mundo. Deve ser, se a hipótese nebular contém alguma verdade, mais velho do que nosso mundo; e a vida em sua superfície deve ter se iniciado muito antes de esta Terra deixar para trás sua condição liquefeita. O fato de mal ter um sétimo do volume da Terra deve ter acelerado seu resfriamento até a temperatura na qual a vida podia ter início. Dispõe de ar e água e tudo o que é necessário para o amparo da existência de seres animados.

Contudo, tão vaidoso é o homem, e tão cego por sua vaidade, que nenhum escritor até os últimos instantes do século XIX expressou a menor ideia de que alguma vida inteligente pudesse ter se desenvolvido naquele ponto longínquo, ou até mesmo em qualquer medida além do nível terrestre. Tampouco havia um entendimento geral de que Marte, mais velho do que a nossa Terra, mal tendo um quarto de sua área superficial e sendo mais afastado do Sol, necessariamente estava não apenas mais distante do começo da vida como estava mais próximo do fim.

O resfriamento secular que haverá de tomar nosso planeta um dia já chegou a uma fase muito avançada, de fato, em nosso vizinho. Sua condição física é ainda basicamente um mistério, mas sabemos agora que, até na região equatorial, a temperatura de

meio-dia quase não ultrapassa o índice dos nossos mais frios invernos. Tem o ar bem mais tênue do que o nosso, com oceanos que encolheram até não cobrir senão um terço de sua superfície; conforme vão mudando as lentas estações, imensas calotas de neve se formam e derretem em cada polo, inundando periodicamente as zonas temperadas. Esse último estágio de exaustão, que para nós é ainda incrivelmente remoto, tornou-se um problema contemporâneo para os habitantes de Marte. A pressão imediata da necessidade abrilhantou intelectos, ampliou poderes e endureceu corações. E eis que, ao perscrutar o espaço com instrumentos, com inteligências que não concebemos nem mesmo em sonho, eles enxergam, situada no ponto menos distante, a meros 56 milhões de quilômetros na direção do Sol, uma esperançosa estrela da manhã, nosso próprio planeta quente, verde de vegetação e cinza de água, com atmosfera turva em eloquente fertilidade, com vislumbres, por entre os rasgos de nuvens deslizantes, de vastas extensões de terra povoada e mares estreitos, repletos de navios.

E nós, homens, criaturas que habitam esta Terra, devemos ser para eles no mínimo tão alienígenas e primitivos como são para nós os macacos e os lêmures. O lado intelectual do homem já admite que a vida seja uma luta incessante pela existência, e parece ser essa também a crença das mentes de Marte. O mundo deles está em fase avançada no resfriamento, e este mundo é ainda repleto de vida, mas repleto daquilo que eles consideram como animais inferiores. Para eles, lançar uma campanha de guerra em direção ao Sol é, de fato, a única forma de fugir à destruição que os espreita geração após geração.

E precisamos ter em mente, antes de julgá-los com severidade excessiva, a destruição impiedosa e total que nossa própria espécie infligiu não só aos animais, como os desaparecidos bisões e dodós, mas a suas próprias raças inferiores. Os tasmanianos, apesar da aparência humana, foram inteiramente varridos da existência numa guerra de extermínio travada por imigrantes europeus em um espaço de cinquenta anos. Somos, por acaso, apóstolos da tolerância com direito de reclamar se os marcianos guerrearem no mesmo espírito?

Os marcianos parecem ter calculado uma incursão com espantosa sutileza – seu conhecimento matemático, evidentemente, supera de longe o nosso – e realizado os preparativos com unanimidade quase perfeita. Se nossos instrumentos tivessem-nos permitido, poderíamos ter visto a formação do problema bem antes no século XIX. Homens como Schiaparelli observaram o planeta vermelho – é curioso, aliás, que por incontáveis séculos Marte tenha sido a estrela da guerra –, mas não souberam interpretar as aparições flutuantes dos sinais que mapearam tão bem. Ao longo de todo esse tempo, os marcianos decerto se prepararam.

Durante a oposição de 1894, foi vista uma forte luz na parte iluminada do disco, primeiro no Observatório Lick, depois por Perrotin de Nice e então por outros observadores. Os leitores ingleses tomaram conhecimento do fato na edição da *Nature* datada de 2 de agosto. Inclino-me a crer que o clarão pode ter sido gerado pela fundição, no vasto fosso afundado no planeta, da imensa arma com a qual dispararam contra nós. Sinais estranhos, ainda inexplicados,

foram vistos perto do local dessa erupção durante as duas oposições seguintes.

Já se passaram seis anos, agora, desde que a tempestade se abateu sobre nós. Enquanto Marte entrava em oposição, Lavelle de Java estremeceu as comunicações astronômicas com o relato espantoso de uma imensa erupção de gás incandescente no planeta. Ocorrera na virada da meia-noite do dia 12; e o espectroscópio, ao qual recorrera de pronto, indicou uma massa de gás flamejante, principalmente hidrogênio, deslocando-se com enorme velocidade na direção desta Terra. O jato de fogo se tornara invisível por volta de meia-noite e quinze. Ele o comparou a uma colossal torrente de chamas esguichada repentina e violentamente do planeta, “como gases flamejantes expelidos por um canhão”.

Uma expressão singularmente apropriada, como ficou provado. Contudo, no dia seguinte, nada disso apareceu nos jornais, exceto por uma pequena nota no *Daily Telegraph*, e o mundo seguiu ignorando um dos mais graves perigos que jamais ameaçaram a raça humana. Eu poderia não ter tomado conhecimento da erupção em absoluto se não tivesse encontrado Ogilvy, o célebre astrônomo, em Ottershaw. Ele estava extremamente entusiasmado com a novidade e, no furor dos sentimentos, convidou-me para lhe fazer companhia naquela noite no escrutínio do planeta vermelho.

Apesar de tudo que aconteceu desde então, ainda me lembro nitidamente daquela vigília: o observatório escuro e silencioso, a lamparina projetando um brilho débil sobre o piso num canto, o tique-taque uniforme do mecanismo do telescópio, a pequena

fenda no teto – uma profundidade oblonga toda riscada pela poeira estelar. Ogilvy não parava quieto, invisível, mas audível. Pela lente do telescópio, via-se um círculo azul-escuro e o pequeno planeta redondo flutuando no campo. Parecia uma coisinha de nada, tão luminoso e pequeno e imóvel, marcado de leve por listras transversais e ligeiramente achatado em vez de perfeitamente redondo. Mas tão pequeno ele era, uma cálida gota de prata – um reluzente buraco de agulha! Dava impressão de tremular, mas, na verdade, o telescópio é que vibrava devido ao mecanismo ativo que mantinha o planeta em vista.

Enquanto eu o contemplava, o planeta parecia ficar maior e menor, e avançar e recuar, mas isso era apenas o cansaço dos meus olhos. Sessenta e quatro milhões de quilômetros nos separavam – mais de sessenta e quatro milhões de quilômetros de vácuo. Poucas pessoas se dão conta da imensidão de vazio pela qual flutua a poeira do universo material.

Perto dele no campo, eu lembro, havia três fracos pontos de luz, três estrelas telescópicas infinitamente remotas, e o entorno todo era tomado pela insondável escuridão do espaço vazio. Vocês sabem como fica essa escuridão numa noite gélida e estrelada. Num telescópio, parece bem mais profunda. E invisível para mim, porque remota e pequena, voando rápida e continuamente na minha direção por aquela incrível distância, aproximando-se a cada minuto em muitos milhares de quilômetros, vinha a Coisa que eles nos mandavam, a Coisa que haveria de trazer à Terra tanta luta, calamidade e morte. Durante a minha observação, sequer imaginei algo parecido; ninguém na Terra sonhava com aquele míssil certo.

Na mesma noite, houve outro jorro de gás do planeta distante. Eu o vi. Um lampejo avermelhado na borda, uma ínfima projeção do contorno no instante em que o cronômetro assinalou meia-noite; informei Ogilvy e ele tomou meu lugar. A noite estava quente, e eu, com sede, esticando as pernas desajeitado e tateando na escuridão, fui até a mesinha onde estava o sifão enquanto Ogilvy exclamava perante a lufada de gás que vinha na nossa direção.

Naquela noite, outro míssil invisível iniciou seu rumo de Marte à Terra, exatamente 24 horas depois – ou um segundo antes disso – do primeiro. Lembro-me de como fiquei sentado junto à mesa na escuridão, com manchas verdes e carmesins vagando diante dos meus olhos. Desejei ter fogo para fumar, mal suspeitando do significado daquela centelha diminuta que eu vira e de tudo que ela em breve me causaria. Ogilvy observou até a uma da manhã, e então desistiu; e nós acendemos a lanterna e andamos até a casa dele. Lá embaixo, na escuridão, Ottershaw e Chertsey e todas as suas centenas de moradores dormiam em paz.

Ogilvy especulou sem parar sobre a condição de Marte naquela noite, e zombou da ideia vulgar de que o planeta tivesse habitantes capazes de mandar sinais para nós. Sua suposição era de que meteoritos poderiam estar caindo em forte chuva sobre o planeta, ou de que uma imensa explosão vulcânica estava em andamento. Salientou, para mim, que era improvável a evolução orgânica ter tomado um mesmo rumo nos dois planetas adjacentes.

– As chances de algo semelhante ao homem em Marte são de uma em um milhão – ele disse.

Centenas de observadores viram o clarão naquela noite e na noite seguinte por volta da meia-noite, e outra vez na noite seguinte; e assim por dez noites, um clarão a cada noite. Por que os disparos cessaram depois da décima, ninguém na Terra tentou explicar. Pode ser que os gases da descarga tenham causado algum incômodo aos marcianos. Densas nuvens de fumaça ou poeira, visíveis por meio de um telescópio poderoso na Terra como pequenas manchas cinzentas e flutuantes, espalharam-se pela clareza da atmosfera do planeta e obscureceram seus traços mais familiares.

Até os jornais diários acordaram para os distúrbios afinal, e notas populares apareceram em todos os lugares possíveis tratando dos vulcões de Marte. O periódico sério-cômico *Punch*, eu lembro, foi feliz ao usá-los na charge política. E totalmente insuspeitados, aqueles mísseis que os marcianos haviam disparado contra nós se aproximavam da Terra, agora se arrojando a um ritmo de muitos quilômetros por segundo através do abismo vazio do espaço, hora após hora e dia após dia, cada vez mais próximos. Parece-me agora quase inacreditavelmente assombroso que, com aquele destino veloz pairando sobre nós, os homens conseguissem prosseguir com os afazeres triviais. Lembro-me de como Markham ficou eufórico por obter uma nova fotografia do planeta para o jornal ilustrado que editava na época. Nestes últimos tempos, as pessoas mal concebem a abundância e a iniciativa dos nossos jornais oitocentistas. De minha própria parte, eu estava bastante ocupado aprendendo a andar de bicicleta e absorto numa série de artigos discutindo a provável evolução das ideias morais conforme a civilização progredia.

Certa noite (o primeiro míssil não devia estar, naquele momento, a menos de 16 milhões de quilômetros de distância), saí para caminhar com a minha esposa. A noite estava estrelada, eu lhe expliquei os signos do zodíaco e apontei para Marte, um brilhante ponto de luz rastejando rumo ao zênite, em cuja direção tantos telescópios estavam apontados. Era uma noite quente. Quando voltávamos para casa, um grupo de excursionistas vindo de Chertsey ou Isleworth passou por nós cantando e tocando música. Havia luzes nas janelas superiores das casas enquanto as pessoas se deitavam para dormir. Da estação ferroviária, ao longe, vinha o som de trens em manobra, vibrando e ribombando, quase uma melodia suavizada pela distância. Minha esposa me apontou o brilho das luzes de sinalização vermelhas, verdes e amarelas pendendo de um vigamento contra o céu. Tudo parecia muito seguro e tranquilo.